



A herança do Mestre Vitalino

Grande polo cultural, Caruaru, a capital do Agreste pernambucano tornou-se conhecida mundialmente pela arte figurativa do Mestre Vitalino e de seus seguidores

Renato Cabral *

Caruaru, cidade encravada no agreste setentrional do Estado de Pernambuco, foi fundada no século XVIII. À época, situada à margem direita do Rio Ipojuca, ao redor de uma capela construída em 1782 por José Rodrigues de Jesus. Ao lado da capela, talvez por se localizar no caminho das boiadas que vinham do sertão, surgiu o arruado, o povoado e a feira. Elevada à vila em 1848, à cidade em 1857 e alcançou a autonomia política em 1893. A cidade desenvolveu-se com muito mais rapidez do que as vilas e municípios circunvizinhos, talvez por sua localização privilegiada: no entroncamento norte/sul e leste/oeste. Caruaru é conhecida mundialmente pela sua cultura e pela sua arte. Mas foi, sobretudo, o artesanato em argila que lhe deu projeção

nacional e internacional, e que ficou consagrada mundialmente por meio do nome de Mestre Vitalino.

A arte figurativa que ajudou a fazer a cidade de Caruaru conhecida em todo o mundo teve início e é, até hoje, desenvolvida no distrito Alto do Moura. Esse distrito teve início nos anos de 1900, com três ou quatro casas que se situavam próximas à margem esquerda do Rio. No entanto, desde aquela época, moradores das regiões vizinhas já se utilizavam das terras do Alto do Moura em função da água e da fertilidade de seu solo. Segundo a tradição oral, o nome original do povoado era Bernardo. Esse nome mudou quando um grupo da família Moura, oriundo de outras regiões, construiu alguns casebres na elevação perto do Ipojuca. Depois disso, o local

ficou conhecido por Alto dos Mouras, nome que deu origem ao atual Alto do Moura.

Os primeiros habitantes do distrito eram, na sua maioria, agricultores que estavam ali para aproveitarem a benesse da várzea fluvial. Em função da abundante jazida de argila existente no local, foram, aos poucos, mudando de atividade, começando a produzir a cerâmica utilitária: potes, bacias, alguidares, quartinhas, jarras, pratos e panelas, entre outros produtos. Não demorou muito tempo para que esses artesãos fossem conhecidos como “loiçeiros” e o arruado como “Terra dos Ceramistas”. Para dar vazão à grande produção dos artesãos, tentou-se realizar feiras semanais, mas sem muito resultado: a primeira em 1930, que terminou em pancadaria, e



Mestre Vitalino comercializando suas peças na feira de Caruaru, Pernambuco, 1947.

(Foto: Pierre Verger)

Casou-se aos 22 anos com Joana Maria da Conceição. Dos 16 filhos do casal, apenas seis sobreviveram. Seu primeiro trabalho, de 1915, retratava um gato maracajá (felino selvagem comum nas matas da região) “trepado” numa árvore, acuado por um cachorro e um caçador. Levado para a feira de Caruaru, teve venda fácil e rápida, para a surpresa de todos. Daí por diante, a cerâmica figurativa teve uma aceitação cada vez maior naquela feira.

Em 1930, Mestre Vitalino já tinha definido o seu estilo e criado 118 temas para sua arte, com milhares de peças produzidas. Entre as suas peças mais conhecidas encontram-se “O Violero”, “O Trio de Pé de Serra”, “O enterro na rede”, “Cavalo-marinho”, “Os noivos”, “Casal no boi”, “O caçador de onça”, “A família lavrando a terra” e “Lampião e Maria Bonita”. Em 1947, seus trabalhos foram apresentados na Exposição de Cerâmica Popular Pernambucana, organizada pelo pintor Augusto Rodrigues e realizada no Rio de Janeiro. Em 1948, mudou-se do Sítio de Campos para o Alto do Moura.

a segunda em 1964, que teve duração efêmera, face à proximidade da feira de Caruaru.

A cerâmica figurativa teve início com Vitalino Pereira dos Santos. O Mestre Vitalino, conhecido internacionalmente, nasceu no sítio Campos, próximo ao Alto do Moura, no dia 10 de julho de 1909. Ele começou a fazer o que ficou conhecido como “Loiça de Brincadeira”: bois, vacas, burros, cachorros, para brincadeira de criança, comuns ainda hoje. Com infância e vida pobres, iguais à de grande parte dos nordestinos, Vitalino não frequentou escola, teve que trabalhar para ajudar os pais muito cedo.



Manoel Eudócio, seguidor do Mestre Vitalino

Foto Drailton Gomes



Em 1949, teve a oportunidade de expor os seus trabalhos no Museu de Arte de São Paulo (MASP), o que projetou a sua arte em nível nacional. Em 1960, fez a sua primeira viagem de avião, indo para o Rio de Janeiro. Os grandes intelectuais e escritores cearenses, irmãos Elysio, João e José Condé, foram responsáveis pela projeção nacional do artista e o apoiaram até a sua morte. De 1948 até 1963, ano de sua morte, sua obra atingiu projeção internacional. Em 1955, seus trabalhos foram expostos em Neuchâtel, na Suíça, na exposição “Arte Primitiva e Moderna Brasileiras”. Pela importância de seu trabalho, as obras de Vitalino encontram-se expostas, atualmente, nos Museus de Arte Popular (Recife), Casa do Pontal (Rio de Janeiro), Edilson Carneiro (Rio de Janeiro), Belas Artes (Rio de Janeiro) e no Louvre (Paris).

Novas Gerações

A cerâmica de Vitalino inspirou gerações de novos artistas, especialmente no Alto do Moura. Depois da morte do Mestre, os primeiros ceramistas a se destacarem nesse tipo de arte foram seu filho Severino Vitalino, seu neto Joaquim Francisco do Santos (conhecido como Elias Vitalino e que se intitulava o primeiro

discípulo do Mestre Vitalino), Manoel Eudóxio, Leonildo e Leonaldo da Silva e José Caboclo. Com o tempo, outros artesãos inovaram a cerâmica figurativa de Vitalino criando estilos próprios e diversificados. De fato, as peças produzidas pelo Mestre eram em argila natural cozida, mas, logo depois de sua morte, começou-se a usar a pintura em cada obra. Normalmente, o artesão modelava a peça e a esposa a pintava. Hoje é significativo o número de artesãos.

Na sua maioria, as obras produzidas ainda hoje pelos artesãos retratam motivos folclóricos ou citadinos como, por exemplo, bandas de pífanos, retirantes, trios de forró, casais de noivos a cavalo, cangaceiros, bois, santos, profissionais. Mas também existem as peças que representam os meios de transportes (motos, caminhões), que foram introduzidas pelo artista Luiz Antônio da Silva (Mestre Luiz Antônio), além de peças que representam edifícios públicos de Horácio Rodrigues, filho de José Caboclo, autor da réplica do templo ecumênico da Faculdade Asces, de Caruaru. Existe também a cerâmica figurativa erótica, conhecida como Juca Pitanga e realizada por diversos artesãos, e, nas últimas dé-

cadadas, o ceramista Manoel Galdino de Freitas (Mestre Galdino) introduziu a cerâmica surreal, com motivos fantasmagóricos e de seres e figuras imaginárias. Outra expressão da arte figurativa em argila que tem feito muito sucesso em todo o Brasil e no exterior é o artesanato em miniatura, que tem como idealizadora a artista Marliete Rodrigues, também filha de José Caboclo.

Apesar de já serem produzidas em grande escala devido à demanda da comercialização, a arte figurativa do Alto do Moura conserva a originalidade de cada peça. Modeladas à mão, todas as peças trazem identidades próprias e singulares que as tornam únicas. É impossível encontrar duas peças exatamente iguais, ainda que tenham o mesmo motivo. Por essa razão e pela sua popularidade no Brasil e em outros países, a cerâmica figurativa de Vitalino e de seus seguidores adquiriu tal importância no cenário internacional que a Unesco declarou o Alto do Moura como o mais importante centro de artes figurativas das Américas. ■

* Graduado em Odontologia e Ciências Sociais, especialista em Didática e mestre em Educação pela UFPE. Estudioso da arte do Mestre Vitalino.

O Alto do Moura

A década de 1980 foi um marco para mudança do Alto do Moura de um aglomerado estritamente artesanal para um polo turístico desordenado e mal planejado. Na época, a população do povoado era de 1.700 pessoas. Em 2010, de acordo com o Censo daquele ano, o Alto do Moura já possuía 9.315 habitantes. Após os benefícios de infraestrutura e saneamento levados a efeito nesta década, houve uma exacerbação do turismo que, pela falta de planejamento, descaracterizou a comunidade. Comparando-se as fotografias de 1985 com as atuais, é possível verificar o crescimento desordenado do povoado e a sua descaracterização como comunidade exclusiva de artesanato, passando, também, a polo comercial e turístico.